

Anexo:

Os contos escolhidos

COELHO, Adolfo, «Contos populares portugueses» (1879), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, p. 80.

OS SAPATINHOS ENCANTADOS

Era uma vez uma mulher muito bonita que dava estalagem e a todos os almocreves que lá iam perguntava se tinham visto uma mulher mais bonita do que ela. Ela tinha uma filha mais bonita do que ela e tinha-a fechada para ninguém a ver. Disse-lhe um dia um almocreve: «Ainda agora ali vi uma mulher mais bonita a uma janela a pentear-se.» «Ai! Era a minha filha; pois vou mandar matá-la.»

E mandou dois criados matá-la a um monte e ela disse-lhes que a não matassem, que a deixassem, que prometia não tornar a casa. Os criados tiveram dó dela e deixaram-na. Ela foi indo e chegou a uma serra e viu uma casa; era noite; pediu se a acolhiam e não achou ninguém. Entrou para dentro e fez a ceia, e assim que a acabou de fazer, escondeu-se; nisto chegam ladrões que vinham de fazer um roubo e, depois que viram a ceia feita, começaram a dizer: «Ai! Quem nos dera saber quem é que fez a ceia. Se por aí está alguém, apareça.» E ela apareceu-lhes e contou-lhes a sua sorte, coitadinha, e eles disseram: «Agora não se aflija; há-de ficar connosco e fazemos a atenção que você que é nossa irmã.»

Daí por diante os ladrões lá iam para os seus roubos e ela ficava sempre; eles estimavam-na muito e tratavam-na.

Ia uma velhota a casa da mãe dela que andava sempre em recados por muitas terras e a mãe dela disse-lhe: «Você, como anda por muitas terras, diga-me se já viu uma cara mais linda do que a minha.» E ela disse-lhe: «Vi, vi uma rapariga que ainda era mais linda que você em tal banda.» «Você quando vai para lá? Quero que lhe leve uns sapatos.» E deu uns sapatos à velha e disse-lhe: «Leve-lhos e diga-lhe que é a mãe que lhos manda; mas ela que os calce antes de você de lá sair; eu quero saber de certo que ela os calça; olhe que eu pago-lhe bem.» A mulher levou os sapatos à filha; chegou lá e disse-lhe: «Aqui tem estes sapatos que lhe manda a sua mãe.» Ela disse-lhe: «Eu não quero cá sapatos nenhuns; meus irmãos dão-me quantos sapatos eu quiser; não os quero». A velha ateimou tanto com ela que ela pegou neles; calçou um, fechou-se um olho; calçou outro, fechou-se-lhe o outro olho e ela caiu morta. Depois vieram os ladrões, choraram muito ao pé dela, lastimaram muito a morte dela e depois

disseram: «Esta cara não há-de ir para debaixo da terra; levemo-la num caixão à serra de tal banda que vem lá o filho do rei à caça para ele ver esta flor.

Depois levaram-na a esse sítio; veio o filho do rei e viu-a e achou-a muito bonita e depois tirou-lhe um sapato e ela abriu um olho, tirou-lhe outro, abriu outro olho e ficou viva. E ele então levou-a para casa e casou com ela e foram visitar a bêbeda da mãe e esta ainda depois mesmo a queria mandar matar, mas não o conseguiu.

(Ourique)

COELHO, Adolfo, «Contos populares portugueses» (1879), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, p. 114-115.

MARIA SILVA

Andava um dia um príncipe à caça numa certa mata e ouviu chorar uma criança; ele aproximou-se do sítio de onde vinham os vagidos e ouviu uma voz que dizia: Procura, procura que a que chora há-de ser tua. Então o príncipe riu-se daquelas palavras e disse: «Veremos se isso há-de acontecer.» Depois procurou, procurou, até que encontrou uma criança que brincava na relva; tomou-a do chão, marcou-a na testa com um ferro em brasa e cortou-lhe o dedo mínimo da mão direita e foi deitá-la numa silva. A criança tinha sido abandonada por sua mãe, por isso ninguém mais a procurou.

Havia naqueles sítios um pastor que levava as ovelhas a pastar entre as silvas. Quando recolhia as ovelhas, faltava-lhe sempre a cabra melhor do seu rebanho; depois ele voltava a chamá-la; ela ia, mas no dia seguinte sucedia-lhe o mesmo. Um dia disse ele para a mulher: «Olha, não sabes? Desconfio da nossa cabra maltesa, pois fica sempre entre as silvas e é preciso chamá-la muito para ela vir». Então a mulher no dia seguinte foi espreitar a cabra e viu-a deitada no chão dando de mamar a uma criancinha. Como a mulher não tivesse filhos, ficou muito contente com aquele achado e o pastor também, e criaram a menina como se fosse sua filha. A menina foi crescendo e, depois que morreram os pastores, foi ela para criada de uma princesa que estava para casar.

Ora o príncipe, noivo da princesa, ia muitas vezes ao palácio e, tendo visto um dia Maria Silva, sentiu grande paixão por ela; mas ao reparar que ela tinha uma mancha na testa e que lhe faltava um dedo na mão direita, lembrou-se do que tinha feito a uma criancinha que uma voz lhe tinha dito lhe havia de pertencer. Então o príncipe resolveu fazer uma coisa muito má. Comprou três anéis de ouro muito ricos e presenteou com eles as três criadas da princesa e disse-lhes que aquela que ao fim de três dias não lhe apresentasse o anel morreria enforcada. Depois recomendou às duas criadas que fizessem com que Maria Silva perdesse o anel, que as havia de premiar bem.

As criadas tais traças empregaram que fizeram com que o anel de Maria Silva caísse ao mar, mas Maria Silva não se afligiu de o ver cair. No dia seguinte, quando o pescador veio

trazer o peixe para o palácio, ela pediu ao cozinheiro que lhe deixasse amanhá o peixe e encontrou o anel no bucho de um sável. No dia em que o príncipe veio para ver se todas ainda tinham os anéis, Maria Silva apresentou-se muito contente e o príncipe ficou maravilhado de lhe achar o anel que lhe dera, e bem assim as outras criadas que tinham a certeza de lho ter feito cair ao mar. Então o príncipe perguntou à Maria Silva como é que ela para ali tinha vindo, ao que ela respondeu:

Numa silva fui achada;

Por uma cabra fui criada;

Um pastor me educou

E agora aqui estou.

Então o príncipe contou-lhe tudo o que lhe tinha feito e disse-lhe que já não casava com a princesa, pois era ela, a Maria Silva, que ia ser sua esposa.

(Coimbra)

COELHO, Adolfo, «Contos populares portugueses» (1879), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, p. 129.

A SENHORA DA GRAÇA

Era uma vez um homem que era casado com uma mulher, muito amiga de vinho, a ponto de não deixar parar vinho na adega. Um dia o homem saiu para comprar uns bois e recomendou à mulher que não fosse à adega beber o vinho. Apenas o homem virou costas, a mulher chamou logo uma comadre e foram ambas para a adega beber o melhor pipo de vinho que encontraram. O homem, quando voltou para casa e se achou sem o vinho, queria bater na mulher; mas ela disse-lhe que não lhe batesse, pois estava inocente, quem tinha bebido o vinho tinha sido a gata. Como o homem não quisesse acreditar, a mulher disse-lhe: «Pois olha, homem, havemos de ir à Senhora da Graça, e havemos de perguntar-lhe quem foi que bebeu o vinho, se fui eu ou a gata; se a Senhora disser que fui eu, hei-de trazer-te às costas para casa, e se eu estiver inocente hás-de tu trazer-me a mim.

Partiu o homem mais a mulher para a Senhora da Graça, e tendo chegado a um sítio onde havia um eco, a mulher disse ao homem: «Olha, escusamos de ir mais longe; Nossa Senhora também aqui nos ouve.» O homem então gritou com toda a força: «Dizei-me, Senhora da Graça, quem bebeu o vinho, foi a mulher ou foi a gata?» E o eco respondeu: «A gata».

Três vezes o homem perguntou o mesmo, e três vezes o eco lhe respondeu a gata. O homem então, convencido de que a mulher estava inocente, levou-a às costas para casa e matou a gata para ela não lhe ir beber mais o vinho.

(Coimbra)

PEDROSO, Consiglieri, «Contos populares portugueses» (1910), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, pp. 62-64.

A GATA BORRALHEIRA

Era uma vez uma mestra que era viúva e tinha uma filha muito feia. Esta mestra tinha uma menina que era muito bonita e era filha de um viajante. A mestra gostava muito do pai e dizia todos os dias à menina que lhe pedisse para ele casar com ela, que depois lhe daria sopinhas de mel.

A menina foi para casa dizer ao pai, que casasse com a mestra, que ela depois dava-lhe sopas de mel. O pai disse-lhe que não, porque ela agora dizia que lhe dava sopas de mel e depois dava-lhas de fel.

Como a menina chorasse muito, o pai, que era muito amigo dela, disse-lhe que mandava fazer umas botinhas de ferro, que as dependurava e que enquanto as botas não estivessem rotas, que não casava com a mestra.

A menina foi muito contente contar-lhe isto, e a mestra ensinou-lhe que todos os dias urinasse nas botas. A menina assim fez e no fim de algum tempo já as botinhas estavam rotas. A menina foi logo dizer ao pai. Ele então disse que casava com a mestra, e no dia seguinte casou.

Enquanto ele estava em casa era a menina tratada com muitos afagos e carícias, mas depois de ele se ir embora a mestra tratava-a muito mal.

Mandava-a ir pastar uma vaquinha, dava-lhe um pão e queria que ela o trouxesse inteiro, e uma bilha de água, e queria que ela bebesse e a trouxesse cheia.

Um dia a mestra disse à menina que queria que ela lhe dobasse umas poucas de meadas até à noite. A menina foi a chorar muito e a dizer mal à sua vida. A vaquinha disse-lhe que não se ralasse, que lhe metesse as meadas nos paus e que dobasse o linho.

Depois com um corninho tirou-lhe o miolo do pão, tornou a tapá-lo e deu-o à menina.

À noite ela veio para casa e a madrasta quando viu tudo feito ficou desesperada e queria-lhe bater, dizendo que andava ali a vaquinha, e ao outro dia mandou matá-la.

A menina pôs-se a chorar muito e a madrasta disse-lhe, que ela é que havia de ir lavar as tripas da vaquinha a um tanque.

A vaquinha disse à menina que não estivesse triste e que fosse lavar as tripas, e o que visse sair que fosse atrás dele. A menina assim fez; foi, e quando estava a lavar viu sair uma bola de ouro e cair pela água abaixo. A menina foi atrás dela. Viu uma casa muito desarrumada e entrou a arrumar tudo. De repente sentiu passos e escondeu-se atrás da porta. Entraram três fadas que começaram à procura e vinha também um cãozinho que foi para onde ela estava e principiou a ladrar: *Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fez bem e nos há-de fazer! Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fez bem e nos há-de fazer! Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fez bem e nos há-de fazer!* As fadas vieram e deram com a menina e uma disse: – Eu te fado para que tu sejas a rapariga mais bonita que haja!

Disse outra: – Eu te fado para que tu quando fores a falar não deites senão pérolas e ouro pela boca fora!

Disse a terceira: – Eu te fado para que tu sejas a rapariga mais feliz que há no mundo! Toma lá esta varinha de condão. Tudo quanto lhe pedires, tudo ela te fará.

A menina veio-se embora e a filha da mestra quando a viu pôs-se a gritar pela mãe, que viesse ver a gata borralheira. A mestra veio vê-la e perguntou-lhe o que tinha feito. A menina disse, como as fadas lhe tinham ensinado, tudo ao contrário; que tinha encontrado uma casa muito arrumada e que tinha desarrumado tudo.

A mestra mandou lá a filha e ela, mal chegou, fez o que a menina lhe tinha dito: desarrumou tudo e quando sentiu as fadas meteu-se atrás da porta. Veio o cãozinho e disse: *Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fez mal e nos há-de fazer! Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fez mal e nos há-de fazer! Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fez mal e nos há-de fazer!*

Vieram as fadas e uma disse: – Eu te fado para que sejas a rapariga mais feia que há no mundo!

Disse outra: – Eu te fado para que tu quando fores a falar não deites senão porcaria pela boca fora!

E disse a terceira: – Eu te fado para que tu sejas a rapariga mais pobre que há no mundo!

A filha da mestra veio para casa e julgava que vinha muito bonita. Quando chegou ao pé da mãe, começou a falar e a mãe pôs-se a chorar muito desconsolada por ver a filha assim. De raiva mandou meter a menina na cozinha, dizendo que ela era a gata borralheira e que não havia de sair mais de lá.

Um dia a mestra e a filha foram às cavalhadas, e a menina, depois de elas saírem, pediu à varinha de condão que lhe desse um vestido muito rico, botas e chapéu, tudo completo. Depois arranjou-se, foi para as cavalhadas e ficou mesmo defronte da tribuna do rei.

A filha da mestra viu-a e pôs-se a gritar no meio de todos: – Ó mãe, ó mãe, aquela é a gata borralheira!

A mãe entrou a dizer-lhe que não era, que se calasse, porque a gata borralheira tinha ficado em casa, fechada à chave.

A menina, ainda bem não estavam acabadas as cavalhadas foi-se embora, mas o rei ficou muito apaixonado por ela.

A mãe mal chegou a casa perguntou à gata borralheira se tinha saído. Ela disse que não e mostrou a cara toda mascarrada.

No outro dia pediu a menina à varinha de condão que lhe desse um fato ainda mais rico. Arranjou-se e foi outra vez para as cavalhadas.

O rei mal a viu ficou muito contente, mas ainda bem não estavam as cavalhadas acabadas, a menina meteu-se na carruagem e foi-se embora.

O rei com mais paixão ficou ainda por ela.

No terceiro dia pediu a menina à varinha de condão que lhe desse outro fato ainda mais rico e outros sapatos, e foi para as cavalhadas.

O rei quando a viu ficou muito satisfeito, mas ainda bem não estavam as cavalhadas acabadas, já a menina se tinha vindo embora.

A menina quando ia a entrar para a carruagem, com a pressa deixou cair um sapato. O rei apanhou-o, depois foi para o palácio e adoeceu de paixão. O sapato tinha umas letras, que diziam: *Este não servirá senão à própria dona.*

Correu-se todo o reino para ver a quem servia o sapato. A ninguém servia.

Já não faltava senão a casa da mestra, e ela foi ao paço a ver se o sapato lhe servia; mas não o pôde calçar. Depois foi a filha da mestra, mas também o não pôde calçar. Faltava só a gata borralheira. O rei perguntou quem vinha agora provar o sapato e se havia mais alguém naquela casa. A mestra respondeu que não havia ninguém. O rei disse que havia de haver por força. A mestra tornou a dizer que não havia ninguém; mas o rei tornou a teimar e a dizer-lhe que havia de haver alguém a quem servisse aquele sapato. A mestra disse então que só havia uma gata borralheira, mas que ela não calçava desses sapatos. O rei ordenou-lhe então que a

trouxesse ali, e a mestra não teve mais remédio senão trazer a menina. O rei então provou-lhe o sapato, que lhe serviu logo. Depois mandou-a vir para o palácio, casou com ela e mandou matar a mestra e a filha.

PEDROSO, Consiglieri, «Contos populares portugueses» (1910), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, pp. 14-15.

A RAINHA ORGULHOSA

Havia uma rainha muito orgulhosa, que, voltando-se para as suas aias, dizia:

– Haverá cara mais linda do que a minha?

As aias respondiam-lhe que não; e fazendo a mesma pergunta às criadas, elas diziam o mesmo.

Um dia voltou-se também para o seu camarista e perguntou-lhe:

– Haverá cara mais linda do que a minha?

O camarista respondeu:

– Saiba Vossa Majestade que há.

A rainha ouvindo Isto quis saber quem era, e o camarista disse-lhe que era a filha. A rainha imediatamente mandou aprontar uma carruagem e meter a princesa dentro, ordenando aos criados que a levassem fora da cidade a um campo muito longe e que aí a degolassem e lhe trouxessem a língua.

Partiram os criados conforme a rainha tinha determinado, e quando chegaram ao dito campo voltaram-se para a princesa e disseram:

– Vossa Alteza não sabe os fins para que aqui a trouxemos, mas não lhe havemos de fazer mal. Viram uma cadelinha, mataram-na e cortaram-lhe a língua, dizendo à princesa que era para levar a Sua Majestade, pois lhes tinha ordenado que a degolassem e lhe levassem a língua.

Pediram depois à princesa que se fosse embora para muito longe, e nunca mais aparecesse na cidade para os não comprometer.

A menina retirou-se e foi caminhando por uns matos fora, até que avistou ao longe um pequeno casal, e aproximando-se não viu senão rastos de porcos e nada mais. Foi andado, e ao entrar na primeira casa, não viu mais do que uma caixa de pinho muito velha; na segunda viu uma cama com uma enxerga muito velha; e na terceira uma chaminé, e uma mesa. Dirigiu-se à mesa, abriu a gaveta e achou algum comer, que foi pôr ao lume. Pôs a mesa, e quando principiava a comer sentiu entrar um homem. A menina, muito assustada, foi esconder-se debaixo da mesa, mas o homem viu-a e chamou-a. Disse-lhe que não tivesse vergonha; depois

foram comer juntos, e quando chegou a noite também cearam. No fim da ceia o homem disse à princesa se ela queria ficar por sua mulher ou por sua filha. A princesa respondeu que queria ficar por sua filha. Então o homem foi-lhe arranjar uma caminha à parte e depois cada um se foi deitar.

Viviam assim ambos muito satisfeitos.

Um dia disse o homem para a menina que fosse por ali dar um passeio para se distrair. A menina respondeu que o fato que trazia vestido já estava muito velho, mas o homem, abrindo um armário, mostrou-lhe um fato completo à *campina*. A menina vestiu-se com ele e foi passear.

Quando andava passeando, viu que um cavaleiro se aproximava dela. A menina imediatamente se escondeu em casa com muito medo. À noite o homem quando voltou, perguntou-lhe se tinha gostado do passeio. A menina disse que sim, mas com um modo muito esquisito.

No dia seguinte tornou o homem a mandá-la passear. A menina foi, tornou a ver o mesmo cavaleiro a dirigir-se para ela, e tornou muito assustada a vir esconder-se em casa.

Quando o homem veio à noite e lhe perguntou se ela tinha gostado do passeio, a menina disse que não, porque tinha visto um homem, que vinha para lhe falar, e então que nunca mais queria tornar a sair. O homem não lhe disse nada.

O cavaleiro era um príncipe, e voltando ao mesmo sítio duas vezes e não tornando a ver a menina, adoeceu de paixão. Vieram os melhores médicos e declararam qual era a doença do príncipe. A rainha imediatamente mandou publicar um bando, que a aldeã que tinha visto o cavaleiro fosse ao palácio, que havia de ser recompensada e de casar com o príncipe.

A menina, como não saía de casa, não soube nada do bando.

A rainha, vendo que ninguém se apresentava no palácio, mandou um guarda àquele sítio. O guarda foi e bateu à porta dizendo para a menina que Sua Majestade a mandava chamar ao palácio e que havia de ser muito bem recompensada.

A menina disse para o guarda que no outro dia fosse receber a resposta. Quando à noite veio o homem a menina contou-lhe o que se tinha passado. Ele disse-lhe que quando o guarda fosse saber a resposta lhe dissesse que viesse a rainha a casa dela, porque ela não ia lá.

Veio o guarda ao outro dia saber a resposta, e a menina disse-lhe que se não atrevia a dar-lha. O guarda disse que dissesse ela tudo tal e qual, que ele o diria à rainha.

Então a menina contou-lhe o que o homem lhe tinha respondido. Chegando o guarda ao palácio, também se não atreveu a dar a resposta; mas a rainha obrigou -o.

O guarda então contou tudo o que a menina lhe dissera. A rainha ficou muito encolerizada, mas naquele momento deu ao príncipe uma convulsão muito grande, e a rainha com medo que ele morresse, sempre se resolveu a ir.

Mandou aprontar a carruagem e foi lá ter com a menina, ruas quando se ia aproximando da casa, ela tornou-se num rico Palácio, o homem que recolhera a menina num imperador muito poderoso, os porcos em duques, a menina numa linda Princesa e tudo o mais em riqueza.

A rainha, ao ver tudo isto, ficou atónita e pediu desculpa de ter mandado chamar a menina ao palácio.

Disse à menina que visto o príncipe, seu filho, ter tanta paixão por ela, lhe pedia, se fosse do seu agrado, para se fazer o casamento, senão o príncipe morria, com toda a certeza.

A menina disse que sim, fez-se o casamento com muita pompa, e viveram todos muito felizes.

BRAGA, Teófilo, «Contos Tradicionais do povo Português – vol. I» (1914), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, p. 87.

A MADRASTA

Uma mulher tinha uma filha muito feia e uma enteada bonita como o Sol; com inveja tratava-a muito mal, e quando as duas pequenas iam com uma vaquinha para o monte, à filha dava-lhe um cestinho com ovos cozidos, biscoitos e figos, e à enteada dava-lhe côdeas de broa bolorentas, e não passava dia algum sem lhe dar muita pancada.

Estavam uma vez no monte e passou uma velha que era fada, e chegou-se a elas e disse:

– Se as meninas me dessem um bocadinho da sua merenda? Estou mesmo a cair com fome.

A pequena que era bonita e enteada da mulher ruim deu-lhe logo da sua codinha de broa; a pequena feia, que tinha o cestinho cheio de coisas boas, começou a comer e não lhe quis dar nada. A fada quis-lhe dar um castigo, e fez com que ela feia ficasse com a formosura da bonita; e que a bonita ficasse em seu lugar, com a cara feia. Mas as duas pequenas não o souberam; veio a noite e foram para casa. A mulher ruim, que tratava muito mal a enteada que era bonita, veio-lhes sair ao caminho, porque já era muito tarde, e começou às pancadas com uma vergasta na própria filha, que estava agora com a cara da bonita cuidando que estava a bater na enteada. Foram para casa, e deu de comer sopinhas de leite e coisas boas à que era feia, pensando que era a sua filha, e a outra mandou-a deitar para a palha de uma loja cheia de teias de aranha, e sem ceia.

Duraram as coisas assim muito tempo, até que um dia passou um príncipe e viu a menina da cara bonita à janela, muito triste e ficou logo a gostar muito dela, e disse-lhe que queria vir falar com ela de noite ao quintal. A mulher ruim ouviu tudo, e disse à que estava agora feia e que cuidava que era a sua filha, que se preparasse e que fosse falar à noite com o príncipe, mas que não descobrisse a cara. Assim fez, e a primeira coisa que disse ao príncipe foi – que estava enganado, que ela era muito feia. O príncipe dizia-lhe que não, e a pequena descobriu então a cara; mas a fada deu-lhe naquele mesmo instante a sua formosura. O príncipe ficou mais apaixonado e declarou que queria casar com ela; a pequena foi-o dizer à que pensava que ela era sua filha. Fez-se o arranjo da boda, e chegou o dia em que vieram buscá-la para se ir casar; ela foi com a cara coberta com um véu e a irmã, que estava agora

bonita, ficou fechada na loja às escuras. Assim que a menina deu a mão ao príncipe e ficaram casados, a fada deu-lhe a sua formosura; foi então que a madrasta conheceu que aquela era a sua enteada e não sua filha. Corre à pressa a casa, vai à loja da palha ver a pequena que lá fechara, e dá com a sua própria filha, que desde a hora do casamento da irmã tornara a ficar com a cara feia. Ficaram ambas desesperadas e não sei como não arreentaram de inveja. É bem certo o ditado:

«Madrasta nem de pasta.»

(Porto)

NOTA – Pertence ao ciclo do antecedente. A troca das crianças pelas fadas, acha-se nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 223, trad. Brueyre.

BRAGA, Teófilo, «Contos Tradicionais do povo Português – vol. I» (1914), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, p. 77-78.

A SARDINHINHA

Uma mulher tinha três filhas; foi com duas para o trabalho, e ficou em casa a mais nova para tratar da comida. Comprou dez réis de sardinhas, e foi assá-las na grelha.

Quando estavam nas brasas, saltou uma das sardinhas para o chão; a rapariga pegou nela e tomou a pô-la na grelha. Daí a pouco tornou a dar um salto, e também um gemido. A rapariga meio-assustada foi levantar a sardinha do chão; ela disse-lhe:

– Não me mates! Pega em mim e leva-me à borda do mar, segue pelo caminho que se te depare.

A rapariga foi, e assim que deitou a sardinhinha ao mar, formou-se logo uma estrada muito larga; ela seguiu por esse caminho adentro e foi dar a um grande palácio, onde estavam muitas mesas postas. Percorreu todas as salas, viu muitas jóias, muitas riquezas, mas o mar tinha-se tomado a fechar, e já não pôde tornar para trás. Deixou-se ficar ali, e dormiu em uma cama muito rica e muito fofa que achou. Para se entreter despia-se e vestia-se com vestidos riquíssimos que lá se guardavam.

Todos os dias lhe aparecia um homem em figura de preto, que lhe perguntava se ela estava contente.

– Eu contente? O que me faz pena é lembrar-me que minha mãe e minhas irmãs estão trabalhando todo o dia para poderem comer qualquer cousa, e eu aqui.

– Pois bem, disse-lhe o preto, leva o dinheiro que quiseres, vai ver tua mãe e tuas irmãs, mas não te demores lá mais do que três dias.

E tornou-se a abrir a estrada no mar. A rapariga chegou a casa, contou tudo, a mãe ficou muito contente com o dinheiro, e as irmãs fizeram-lhe mil perguntas do que havia no palácio, e se não tinha medo de ficar de noite sozinha? Ela disse que tinha o sono muito pesado. As irmãs replicaram: – E porque te botam coisa no vinho, que te faz dormir, finge que bebes, mas deita o vinho fora, para sentires o que se passa de noite no palácio.

Acabado os três dias ela voltou pela estrada aberta no mar, entrou no palácio; comeu, ceou, e fingiu que bebia. Quando se deitou já não teve o sono tão pesado, e sentiu que alguém

se deitava ao pé dela. Ficou bastante assustada, e deixou-se ficar muito quieta; quando estava tudo muito sossegado, acendeu uma vela para ver o que era. Era um príncipe muito formoso; inclinou-se para vê-lo melhor, e caiu-lhe um pingo de cera no rosto. Ele então acordou:

– Ah cruel; que só faltavam oito dias para quebrar o meu encantamento. Agora para me poder desencantar é preciso que tu sofras grandes trabalhos por mim, sem nunca te queixares. Toma lá esta carapinha; quando te vires em alguma aflição de que te não puderes livrar, dize:

– Valha-me aqui quem me deu esta carapinha.

E neste instante desapareceu o príncipe e o palácio, e a rapariga achou-se sozinha no meio de um descampado. Ia passando um rancho de pretas, que lhe disseram muitas chufas, e lhe arrepelaram os cabelos. A rapariga sofreu tudo sem nada dizer. Passou um jornaleiro e ela propôs-lhe trocar os seus vestidos cravejados de brilhantes pelas roupas do pobre homem, e assim já com outro trajo foi-se oferecer para hortelão da casa do rei.

A rainha começou a gostar do hortelão, porque tinha uma cara bonita, mas como ele não lhe correspondia foi fazer queixa ao rei, que era preciso mandá-lo matar porque tinha cometido um atrevimento muito feio. O rei mandou meter a tormentos o hortelão para confessar o que fizera, mas ele sofreu tudo negando sempre. A rainha teimava que queria que se enforcasse; ia ele já para a forca, e lembrou-se de dizer:

– Valha-me aqui quem me deu esta caparinha.

A execução interrompeu-se ao grande barulho de uma carruagem que trazia um alto figurão, que deu ordem para parar tudo. Levou o hortelão consigo para o paço e disse ao rei que era impossível ter ele cometido o atrevimento de que a rainha o acusava, senão que mandasse as camareiras examinar. Assim aconteceu e a rainha é que foi deitada a uma fogueira. O encantamento quebrou-se pela constância com que a rapariga tinha sofrido todos os tratos e o príncipe casou com ela por agradecido.

(Algarve)

NOTA – Gubernatis cita diferentes contos russos das colecções de Afanasieff e de Erlewein, de Ferraro, etc., do Peixe que dá fortuna. (*Myth. zoolog.*, o, 357.) Nas *Notte piacevoli*, III, fábula 1ª, vem este conto, que também figura no *Pentamerone* de Basile, Jornada III. Fáb. 1ª. No *Catapatha Brâhmana*, e no *Maabarata*, Mano socorre um peixe, de quem recebe depois a salvação do dilúvio. Vixnu também se transforma em peixe. Husson cita um fragmento de um

conto coligido por Luzel (*Chame traditionnelle*, p. 66.) A menina-pajem acusada pela rainha é o tema de um conto citado por Gubernatis (*Myth. zoolog.* t. II, p. 405), coligido em Antignano. Nos *Contos Populares Portugueses*, nº XIX, vem sob o título *A Afilhada de Santo António*, versão de Coimbra; repete-se na ilha de São Jorge com o nome *A Afilhada de São João*. Consiglieri Pedroso cita o conto russo da colecção de Afanasieff, nº 162. *O Sapatinho de Ouro* (Zolotoii bachmatchola) que pertence ao ciclo do Peixe Encantado.

BRAGA, Teófilo, «Contos Tradicionais do povo Português – vol. I» (1914), in *Literatura Portuguesa de Tradição Oral*, CD-ROM, Projecto Vercial, UTAD, 2002/2003, p. 101-102.

A NOIVA DO CORVO

Havia numa terra uma mulher, que tinha em sua companhia um corvo. Defronte dela moravam três raparigas muito lindas. Como o corvo queria casar, mandou falar à mais velha; respondeu-lhe que não, e o corvo raivoso arrancou-lhe os olhos. Sucedeu o mesmo com a segunda, até que a terceira sempre se sujeitou a casar com o corvo.

Tempo depois de já viverem na sua casa, a rapariga falou a uma vizinha no seu desgosto de estar casada com um corvo; a vizinha aconselhou-lhe que lhe chamuscasse as penas, porque podia ser obra de encantamento, e assim se quebraria. Quando à noite se foram os dois deitar, a rapariga chegou a candeia às pernas do corvo; ele acordou logo, dando um grande berro:

– Ai, que me dobraste o meu encantamento! Se me queres salvar, vai pôr-te àquela janela, e todos os pássaros que vires, chama-os e pede-lhes assim: «Venham passarinhos, venham despir-vos para vestir el-rei que está nu.» De facto os passarinhos começaram a vir poisar na janela, e cada um deixava cair uma pena com que o corvo se foi cobrindo. Depois que ficou outra vez emplumado, o corvo bateu as asas, e desapareceu, dizendo para a mulher: Agora se me quiseres tornar a ver, sapatos de ferro hás-de romper.

A pobre rapariga ficou sozinha toda aquela noite, e logo que amanheceu foi comprar uns sapatos de ferro e meteu-se a correr o mundo. Tinha os sapatos quase estragados de andar, quando encontrou um velho e lhe perguntou se não tinha visto um pássaro. O velho respondeu: – Eu venho da fonte da Madrepérola, onde estavam bastantes.

Ela continuou o seu caminho, e antes de chegar à fonte ali encontrou um corvo, que lhe disse:

– Olha, se quiseres salvar o rei, vai à fonte, onde estará uma lavadeira a lavar um vestido de penas, tira-lho e lava-o tu. Ao pé da fonte está uma casa, e um velho que a guarda; entra aí, mata o velho para poderes quebrar todas as gaiolas e dar a liberdade aos pássaros que ele tem lá presos.

A rapariga chegou à fonte, e fez como o corvo lhe tinha dito; lavou o vestido de penas e depois entrou na casa onde estava o velho, fingiu que via vir pelo mar uma linda embarcação; o velho chegou à janela e a rapariga pegou-lhe pelas pernas e deitou-o ao mar. Depois quebrou todas as gaiolas e os pássaros em liberdade tornaram-se príncipes que estavam encantados, e entre eles estava o seu marido, que era rei e lhes pôs a obrigação de a servirem toda a vida.

(Algarve)

NOTA – Nos *Kalmükische Märchen*, de Jülg, vem um conto do pássaro desposado, que se prende a este ciclo do amante tornado em porco ou em cavalo, em serpente ou em pássaro.

Nos *Contos Populares Portugueses*, nº XXV e XXXIV, vem com os títulos *O Carneirinho Branco*, e o *Príncipe Sapo*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, cita um conto da colecção de Campbell, em que o esposo é um corvo, e não um príncipe-sapo ou príncipe-serpente como no ciclo em geral. Na Rússia, Alemanha, Itália e França. (Vid. nota a pág. 126.) Estudamo-lo mais adiante ao anotar a redacção literária de Trancoso. No sétimo conto mongol do Siddhi-Kür, resumido por Gubernatis (*Myth. zoologique*, t. I, 140), é a gaiola que a desposada queima por conselho de uma bruxa.

Nos mitos indianos o Sol é um pássaro, e a Aurora a gaiola que arde. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, de Pittré, há o conto deste ciclo, nº CCLXXXI, *Rè Cristallu*; e St. Prato, sob o título *O Rei Serpente*. Consiglieri Pedroso coligiu duas versões portuguesas *O Príncipe Encantado*, e o *Talo de Couve*. Liebrecht e Volmer estudaram este ciclo da *Bela e da Fera*.

1740 – M.me Villeneuve, *Contes marins: La belle et la bête*.

1757 – M.me de Beamont, no *Magazin des enfants* resume a novela anterior.

Sobre este assunto a ópera *Zémire et Azor*, letra de Marmontel, música de Grétry.

Sobre a variedade de versões populares deste conto, vid. Ralston, *Beauty and the Beast*, no jornal *The Nineteenth Century*, Dezemb. 1878, pp. 990 a 1012.